

UMA BREVE GEOGRAFIA DA CRÔNICA BRASILEIRA NA ERA DOS JABUTIS

Anthony de Padua Azevedo Almeida ¹

RESUMO

O diálogo entre Geografia e Literatura se efetua, neste texto, por meio do estudo da crônica brasileira a partir da análise de obras literárias inseridas no contexto espacial no qual circulam. Assim, o objetivo geral deste artigo é compreender como a crônica é feita e distribuída no espaço brasileiro dentro de sua cronologia. Dentre os 170 anos desta cronologia (1852-2022), selecionou-se para este texto o quinquênio 2018-2022, período em que vigora a categoria crônica entre as galardoadas pelo Prêmio Jabuti. Para tal, a metodologia aplicada foi o levantamento bibliométrico de períodos da crônica. A partir daí, mensurou-se a produção e a distribuição da crônica brasileira em livro na Era dos Jabutis (2018-2022). A discussão se dá com base na análise do número de cronistas e de obras publicadas neste período e, posteriormente, na comparação deste com a Era de Ouro da crônica brasileira, a década de 1950.

Palavras-chave: Geografia Literária, Crônica Brasileira, Cartografia da Crônica Brasileira, Cronologia da Crônica Brasileira, Prêmio Jabuti.

ABSTRACT

The dialogue between Geography and Literature takes place in this text through the study of Brazilian chronicles based on the analysis of literary works inserted in the spatial context in which they circulate. Thus, the general objective of this article is to understand how the chronicle is made and distributed in the Brazilian space within its chronology. Among the 170 years of this chronology (1852-2022), the five-year period 2018-2022 was selected for this text, the period in which the chronicle category is in force among those awarded by the Jabuti Prize. To this end, the methodology applied was the bibliometric survey of periods of the chronicle. From there, the production and distribution of Brazilian chronicles in books during the Era of Jabutis (2018-2022) were measured. The discussion is based on the analysis of the number of chroniclers and works published in this period and, subsequently, on the comparison of this with the Golden Age of Brazilian chronicles, the 1950s.

Keywords: Literary Geography, Brazilian Chronicle, Brazilian Chronicle Cartography, Brazilian Chronicle Chronology, Jabuti Prize.

INTRODUÇÃO

Este artigo desdobra-se de pesquisa de doutorado que se desenvolve no diálogo entre Geografia e Literatura, com especial interesse no gênero literário da crônica.² O estudo científico de temas que proponham o diálogo Geografia-Literatura pode se desenvolver em duas

¹ Doutorando em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco: anthonypaalmeida@gmail.com.

² A pesquisa mencionada desenvolve-se desde 2022 e conta com financiamento da CAPES.

perspectivas os aspectos espaciais descritos nos textos literários e a compreensão das obras inseridas no contexto espacial no qual circulam (BROSSEAU, 2007; MOREIRA, 2008).

Dentre os resultados parciais já atingidos ao longo da pesquisa, está a discussão construída com base na bibliometria de alguns períodos da crônica brasileira. Nesta abordagem, o que se busca é a segunda perspectiva, ou seja, a que toma a compreensão das obras inseridas no contexto espacial no qual circulam. O interesse investigativo, neste sentido, é sobre como a crônica se efetua no espaço geográfico brasileiro ao longo de sua história.

Considerado um gênero literário tipicamente brasileiro, a crônica vem sendo praticada no país há mais de 170 anos (SÁ, 1985; SANTOS, 2007; WERNECK, 2018). Desde 1852, com o primeiro texto publicado por Francisco Octaviano, o gênero, que se modificou ao longo desse período, segue sendo praticado por escritoras e escritores do país inteiro (SIMON, 2011). Para que se construa uma leitura geográfica da crônica brasileira, tão longa em sua história, exige-se um trabalho extenso e, neste artigo, apresenta-se mais uma etapa desta empreitada.

O objetivo geral é analisar como a crônica é produzida e distribuída em livro, dentro do território brasileiro, na era dos jabutis, que compreende os últimos cinco anos (2018-2022), período em que a crônica brasileira ganhou uma categoria própria no Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (CBL). O importante prêmio literário, realizado desde 1959 e atualmente na 65ª edição, ao destacar uma categoria específica para a crônica, evidencia a importância do gênero na contemporaneidade.³ Antes de 2018, crônica e conto dividiam a mesma categoria e, antes de 1998, crônica, conto e novela eram julgados em conjunto (FENDRICH, 2018, on-line).

Feita a escolha do recorte temporal, os objetivos específicos são: identificar e analisar quantos e quais são os cronistas finalistas do Prêmio Jabuti no período; quais as principais obras publicadas, considerando-se as vencedoras; e em qual contexto espacial foram veiculadas. Por fim, comparam-se os dados com levantamento sobre a crônica em sua era de ouro, a década de 1950, com base em análises do estudo desenvolvido na pesquisa maior (ALMEIDA, 2022).

METODOLOGIA

A principal ferramenta metodológica deste trabalho é a bibliometria. A cada edição do Prêmio Jabuti, a CBL divulga 10 livros finalistas por gênero. A base de dados secundários em análise é composta pelos 50 livros finalistas entre 2018 e 2022.

³ “No final de 1959, no auditório da sede da CBL na Avenida Ipiranga, foi feita a cerimônia do 1º Prêmio Jabuti. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/historia/>. Acesso em 03 mai. 2023.

Esta escolha, de análise da crônica em livro, já é resultado das investigações desenvolvidas na primeira etapa do trabalho maior. Ora, um dos desafios empíricos de análise da cronologia da crônica está em seus meios de publicação. É possível se dizer que um texto publicado neste gênero tem duas vidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A primeira vida da crônica é sua publicação inicial. Nas primeiras décadas de prática no Brasil, o gênero saía em jornais. Depois, passou a ser publicado em revistas, suplementos literários e programas de rádio e de TV (CANDIDO, 1980). Desde a popularização da internet, a crônica seguiu sendo veiculada por tais canais e também passou a ser publicada em sites de jornais e revistas, blogs pessoais, sites de coletivos literários, newsletters, podcasts e redes sociais (SIMON, 2011).

A segunda vida da crônica é a sua publicação e circulação em livro. Neste suporte, cronistas e editoras selecionam parte dos textos publicados em canais anteriores e constroem uma coletânea. Conforme se viu em Almeida (2022), mapear todos os textos em sua primeira vida, sobretudo os mais antigos, é um desafio heurístico hercúleo e, para alguns textos, praticamente impossível, visto que nem todos os veículos de imprensa que publicavam crônicas, sobretudo ao se considerar jornais extintos, mantêm acervo para consulta. Além do mais, tal esforço de pesquisa documental mostraria-se, de certa forma, irrelevante, visto que boa parte dos textos que não ganharam sobrevida em livro são considerados de menor importância, de pouco teor literário e, em muitos casos, tratam de assuntos significativamente datados (SIMON, 2011).

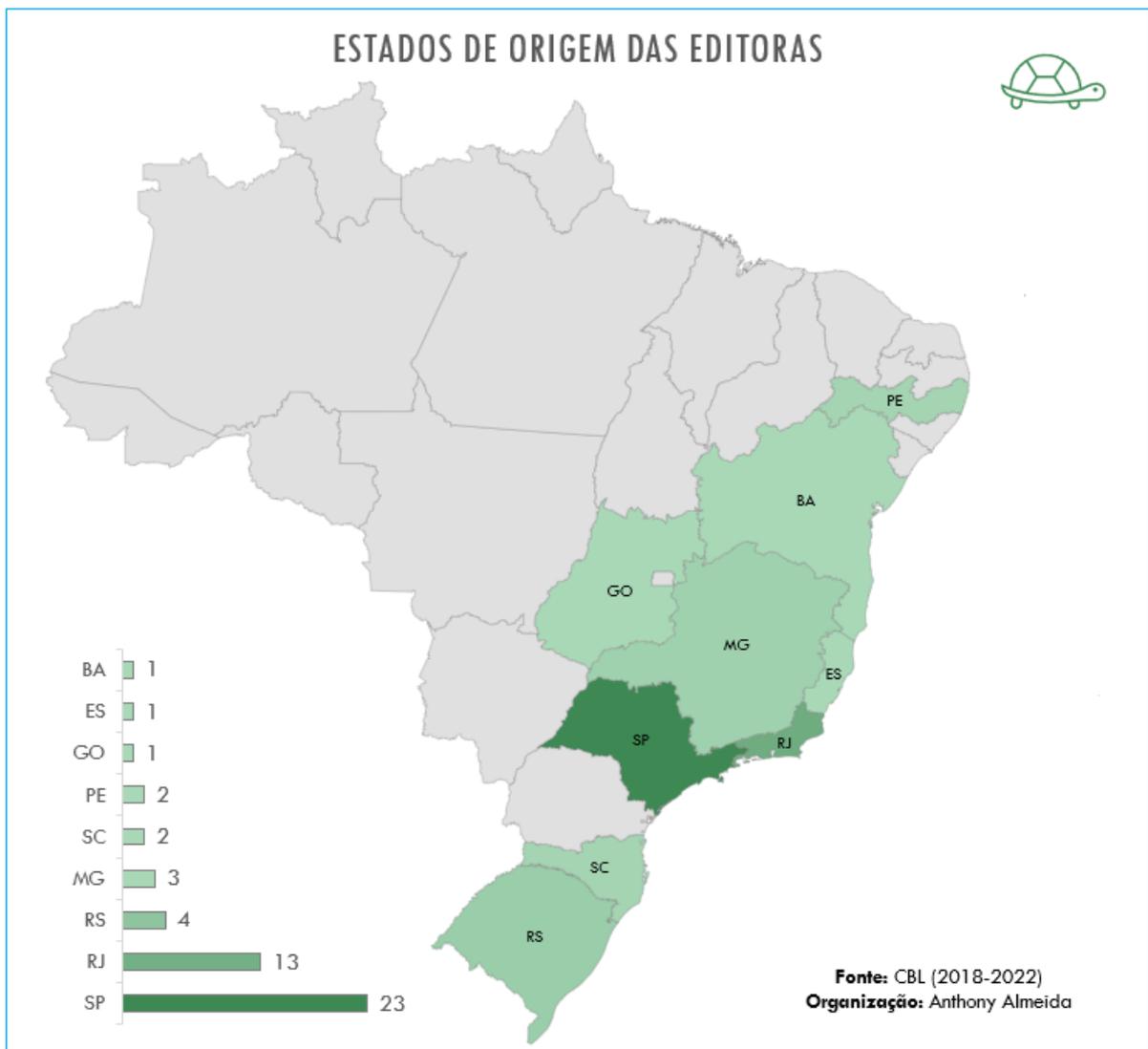
Por fim, é a publicação em livro que torna o texto perene. É, então, na segunda vida que a crônica, além de usufruir da projeção viabilizada pelo primeiro canal de divulgação, ganha permanência literária e, a depender da editora, distribuição nacional. Este critério norteou a escolha da base de dados sobre a era de ouro, com referência no estudo de Simon (2011). Sua lista construída com obras de projeção nacional, contudo, vai apenas até o ano de 2010.

Diante disso, a base de dados deste artigo, se comparada com a do outro trabalho, é diferente. Considerou-se que, a lista de livros finalistas do Prêmio Jabuti é um parâmetro, se não o mais adequado, significativamente relevante para a classificação de uma obra como de projeção nacional. A própria discussão sobre esta diferença entre as bases de dados e os desafios de comparação entre elas é parte dos resultados deste trabalho.

A discussão dos resultados se dá em dois eixos analíticos. No primeiro, a era dos jabutis é considerada nas categorias de análise. O segundo eixo compara a era dos jabutis (2018-2022) e a era de ouro (1950-1959). Após tabulação dos dados bibliométricos, foram construídos gráficos e mapas. Este material, um dos resultados desta etapa do trabalho, auxilia na construção tanto de um panorama cronológico, quanto de uma cartografia da crônica brasileira.

A primeira categoria de análise é o estado de origem da editora que publicou o livro. O cenário do mercado do livro, em especial o dedicado à crônica, revela-se por meio desta série de dados levantados (Fig.1).

Figura 1. Brasil. Estados de origem das editoras. 2018-2022.



Fonte: CBL (2018-2022).

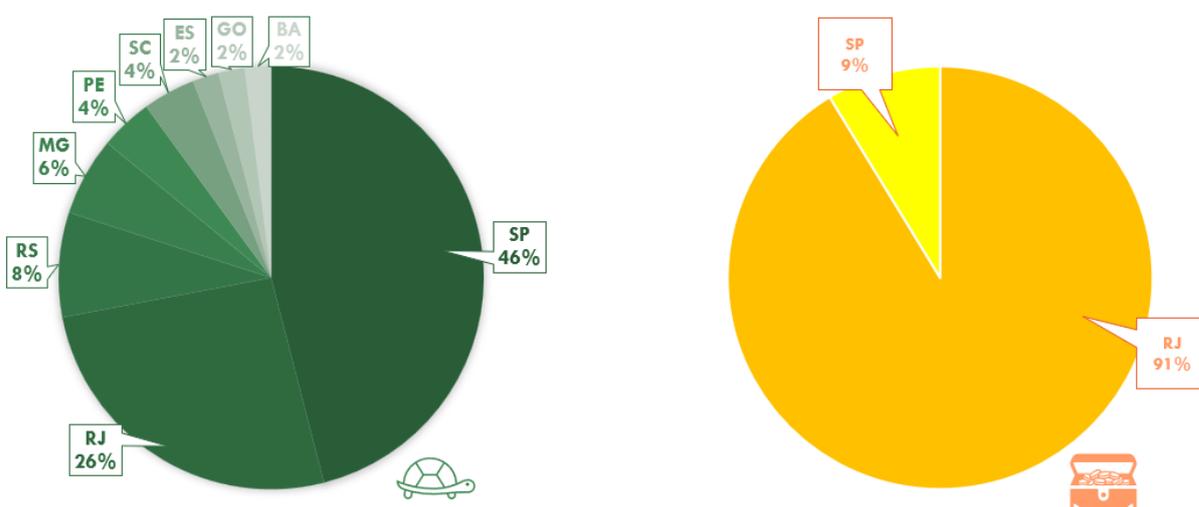
Organização: Anthony Almeida



No primeiro eixo analítico, o que se observa com evidência é a significativa presença de editoras pequenas entre as obras finalistas do Prêmio Jabuti. Apesar disso, a concentração da sede destas editoras no estado de São Paulo é evidente. Dentre as 50 obras da base de dados, 46% foram publicadas em São Paulo, ou seja, 23 livros.

Ao se comparar este percentual com o da era de ouro, o segundo eixo analítico, é possível conjecturar que o Rio de Janeiro, antes origem da publicação de 91% dos livros de crônicas de expressão nacional, perdeu centralidade no mercado editorial brasileiro. Na era dos jabutis, o Rio de Janeiro, segundo colocado no ranking, teve apenas 26% das publicações. Já São Paulo, segundo colocado no ranking da era de ouro, tinha apenas 9% das publicações (Fig. 2).

Figura 2. Brasil. Estados de origem das editoras. 2018-2022 e 1950-1959.



Fonte: CBL (2018-2022), Simon (2011) e Santos (2007).

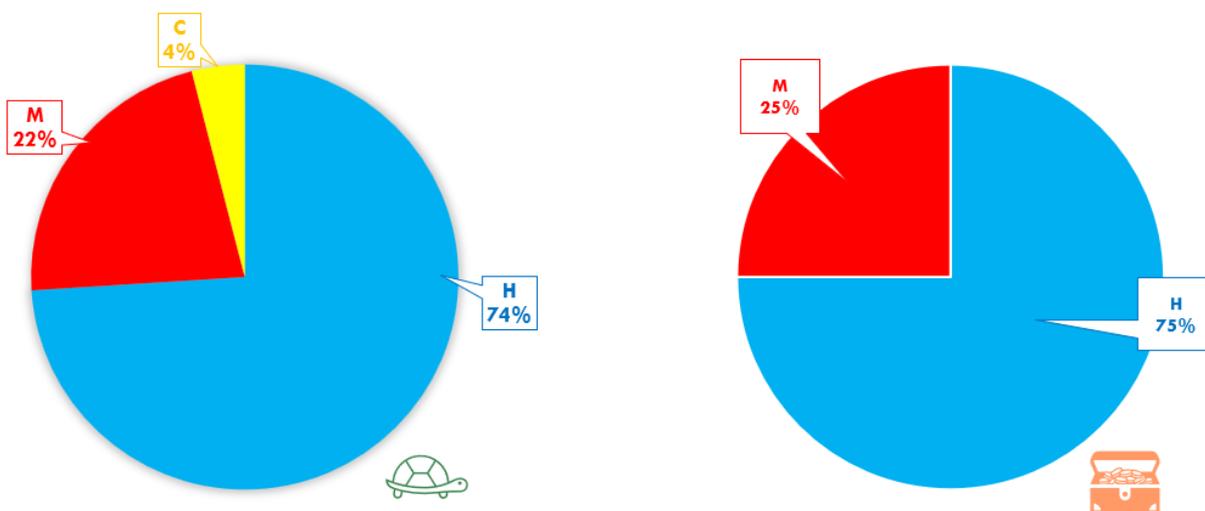
Organização: Anthony Almeida

Mais duas categorias: autores e autoras. Além da identificação de quem escreveu e/ou organizou o livro, o gênero desta pessoa também foi analisado. Dentre as 50 obras finalistas do Jabuti, 11 são de autoras, 37 são de autores e 2 são obras coletivas. Feito o recorte por gênero, é significativa a porcentagem de homens (74%) em relação às mulheres (22%).

Ao se comparar os dados do século XXI com os do século XX, a presença feminina se dá com maior ênfase na década de 1950. Na era de ouro, as autoras correspondiam a 25% do total. Ou seja, a desigualdade de gênero permanece uma realidade, mesmo passados mais de 60 anos (Fig. 3).



Figura 3. Brasil. Cronistas por gênero. 2018-2022 e 1950-1959.



Fonte: CBL (2018-2022), Simon (2011) e Santos (2007).

Organização: Anthony Almeida

Entre as obras vencedoras, também é possível se notar essa desigualdade, ainda que o percentual de mulheres vencedoras tenha sido maior, em comparação ao percentual de mulheres finalistas. Foram cinco obras vencedoras, sendo três delas publicadas por homens (60%) e duas publicadas por mulheres (40%) (Fig. 4). A saber:

Figura 4. Brasil. Cronistas e obras vencedoras do Prêmio Jabuti. 2018-2022.



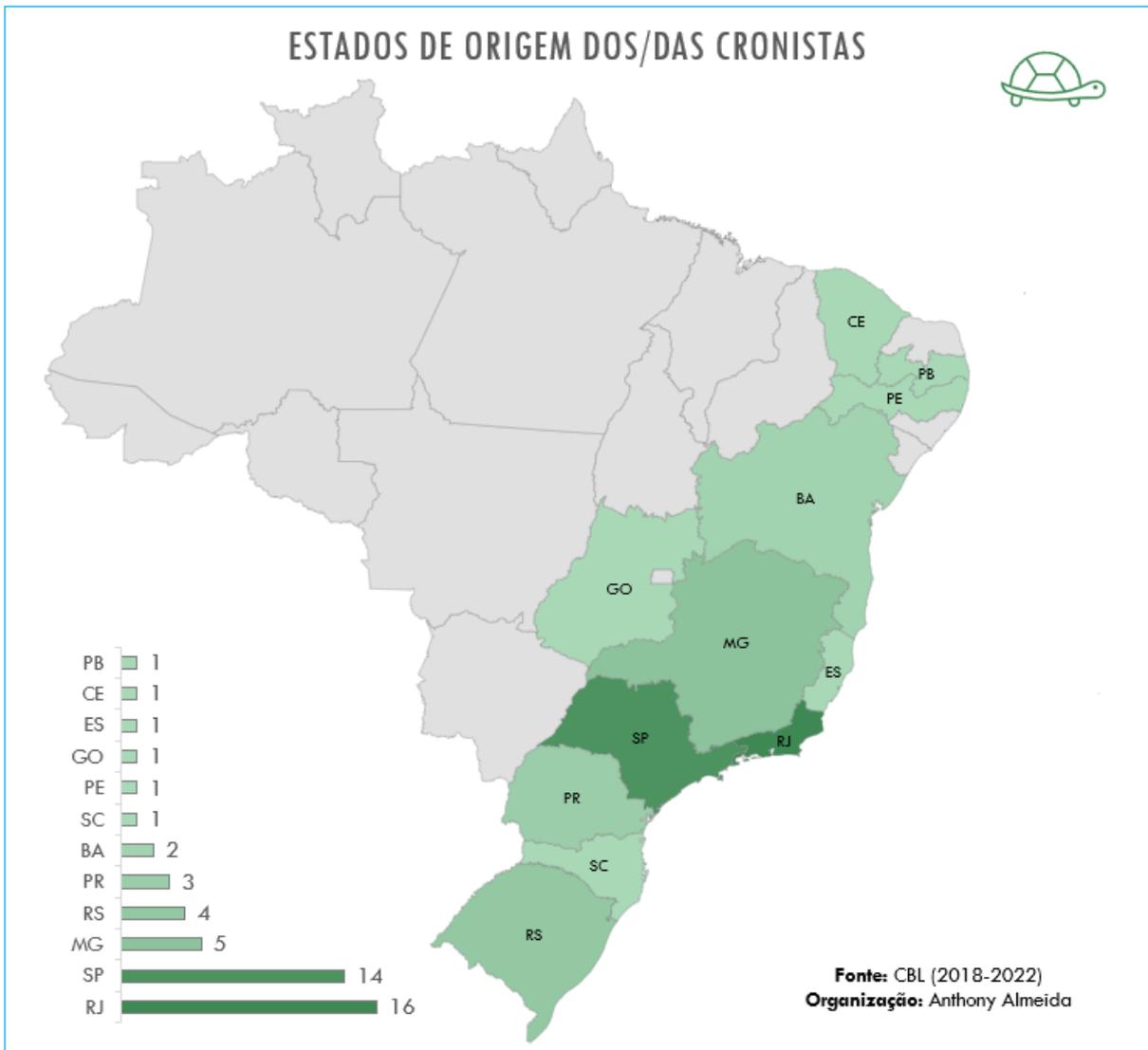
Fonte: CBL (2018-2022).

Organização: Anthony Almeida



Com base na identificação de quem são os/as finalistas do Prêmio Jabuti, também se é possível analisar outro aspecto geográfico: a origem dos/das cronistas. Os/as 50 cronistas finalistas do prêmio são de 12 estados e 32 municípios diferentes (Fig. 5).

Figura 5. Brasil. Estados de origem dos/das cronistas. 2018-2022.



Fonte: CBL (2018-2022).

Organização: Anthony Almeida

Em destaque, o estado do Rio de Janeiro que, apesar de ter apenas 26% das obras editadas em seu território (13 volumes), detém a maioria dos/das cronistas finalistas, com 32% dos autores/autoras (16 cronistas). Já o estado de São Paulo, que detém 46% das obras editadas em seu território (23 volumes), aparece com apenas 28% dos/das cronistas finalistas (14 autores/autoras).

Em relação aos municípios, destacam-se o Rio de Janeiro/RJ, com 10 cronistas e São Paulo/SP, com 6. Deste total, apenas 17 cronistas publicaram por editoras de suas cidades-natais. Este número segue mostrando que a migração do/da cronista, ou a exportação (em escala regional, estadual e municipal) de sua obra, permanece uma realidade.

Já na escala macrorregional, o que se apresenta, tanto na categoria de cronistas, quanto na de obras, é a concentração de dados na região Sudeste. A centralidade da região na economia brasileira revela que 40, dentre as 50 obras finalistas, foram publicadas por editoras do Sudeste, dado que representa 80% das publicações.

Na categoria cronistas, a predominância também se concentra na região Sudeste. Assim, dentre as 50 obras finalistas do Prêmio Jabuti, 36 delas foram escritas por cronistas dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais ou Espírito Santo. Este número representa 72% dos/das autores/autoras da amostra.

Além disso, também é importante ressaltar que a região Norte não figura nem com editoras, nem com cronistas entre o número de galardoados. Será que não há editoras ou cronistas em nenhum dos sete estados da região?

Caso semelhante também acontece com a região Centro-oeste. A macrorregião detém apenas 1 obra e 1 cronista entre os finalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, além da proposição de uma breve cartografia de um período específico da crônica brasileira, ambicionou-se a efetuação de um estudo comparativo entre dois recortes temporais e metodológicos. A iniciativa proporcionou a elaboração de pertinentes considerações sobre a realidade espacial, autoral e editorial da crônica em livro no Brasil.

Quem são os/as cronistas, de onde eles/as vêm e onde publicam são resultados pertinentes para uma geografia literária preocupada com o contexto espacial no qual circulam as obras produzidas. Contudo, apesar dos resultados relevantes, a comparação entre a era dos jabutis e a era de ouro apresenta questões metodológicas que precisam ser consideradas na continuidade da pesquisa maior.

A base de dados da era de ouro permite, por exemplo, que a mesma editora apareça várias vezes por ano. Isto significa dizer que tal empresa publicou mais de um livro de crônicas no período, algo perfeitamente plausível para grandes corporações. Um exemplo disso é a Editora José Olympio, que teve 3 obras identificadas entre as publicadas em 1957, e mais três volumes publicados em 1958.

A base de dados da era dos jabutis, contudo, não apresenta a mesma editora com três obras finalistas do prêmio no mesmo ano. Em poucos casos, a mesma editora tem duas obras finalistas por ano. Isto, porém, não significa que a empresa não publicou outras obras naquele ano. Além disso, nem todas as editoras e cronistas inscrevem as suas obras no Prêmio Jabuti.

Isto posto, uma das importantes conclusões desta etapa do trabalho é a compreensão de que se faz necessário o desenvolvimento de novas pesquisas que uniformizem o critério metodológico. Logo, para que haja um diálogo (ao menos do ponto de vista quantitativo) mais eficaz entre diferentes períodos históricos analisados, a base de dados construída até aqui precisa ser retrabalhada.

Do ponto de vista qualitativo, todavia, o estudo comparativo efetuado revela importantes mudanças e permanências no perfil do mercado do livro de crônica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anthony de Padua Azevedo. *Uma breve geografia da crônica brasileira em sua era de ouro*. In: VIII Colóquio Nacional da Rede do Núcleo de Estudos em Espaço e Representação. 2022. Goiás/GO. **Anais do VIII Colóquio Nacional da Rede do Núcleo de Estudos em Espaço e Representação**. Goiânia: Cegraf, 2023. p. 24-33.

BROSSEAU, Marc. *Geografia e literatura*. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 17-77. [Publicado originalmente em 1996].

CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem. **Para gostar de ler**. v. 5. São Paulo: Ática, 1980. p. 4-13.

FENDRICH, Henrique. *Finalmente, um Jabuti para a crônica*. **Revista RUBEM**. 15 mai. 2018. Disponível em: <https://rubem.wordpress.com/2018/05/15/finalmente-um-jabuti-para-a-cronica/>. Acesso em 03 mai. 2023.

MOREIRA, Ruy. *Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa*. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto. 2008. p. 143-159.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.



XV
ENAN
PECE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM LINGUAGEM

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SIMON, Luiz Carlos. **Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas**. Londrina: Eduel, 2011.

WERNECK, Humberto. *Crônica & aguda*. **Portal da Crônica Brasileira**. 12 set 2018. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/res-do-chao/9455/cronica-aguda>. Acesso em 20 mai. 2022.